



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS-CAMETÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
REGIONAL**

**EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL:
Um Estudo Sobre o Trabalho Artesanal e Sustentabilidade na Vila de Carapajó –
Cametá - Pará.**

PEDRO LADINILSON DO ROSÁRIO PANTOJA

**CAMETÁ - PARÁ
2011**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS-CAMETÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

PEDRO LADINILSON DO ROSÁRIO PANTOJA

**EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL:
Um Estudo Sobre o Trabalho Artesanal e Sustentabilidade na Vila de Carapajó –
Cametá - Pará.**

Trabalho Monográfico apresentado ao Curso de Especialização em Educação e Desenvolvimento Regional do Campus Universitário do Tocantins/Cametá Faculdade de Educação Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Especialista em Educação e Desenvolvimento Regional, Orientadora: Prof^a. Dr^a. Benedita Celeste Moraes Pinto.

CAMETÁ - PARÁ
2011



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS-CAMETÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

PEDRO LADINILSON DO ROSÁRIO PANTOJA

EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: Um Estudo Sobre o Trabalho Artesanal e Sustentabilidade na Vila de Carapajó – Cametá - Pará.

Monografia apresentada à Faculdade de Educação do CUNTINS/UFPA, como requisito obrigatório para obtenção do título de Especialista em Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovado (a) em, ____/____/____

Profº MsC.....
Faculdade de Educação do CUNTINS/Cametá/UFPA

Profº Dr.
Faculdade de Educação do CUNTINS/Cametá/UFPA

Profª. Drª. Benedita Celeste Moraes Pinto
Faculdade de Educação do CUNTINS/Cametá/UFPA

Dedicatória

A Deus pela concessão da e que me permitiu tornar possível a realização desta especialização.

AGRADECIMENTO

A minha orientadora que me auxiliou em todas as etapas desta pesquisa.

Aos meus colegas de sala, que colaboram com este estudo.

Aos professores, pelas dicas e paciência.

Aos meus familiares pelo apoio e carinho.

Do mesmo modo que o
metal enferruja com a ociosidade
e a água parada perde sua pureza,
assim a inércia esgota o vigor da mente.

Leonardo da Vinci

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Justificativa	9
1.2	Situação/problema	11
1.3	Objetivos	11
1.3.1	Geral	11
1.3.2	Específicos	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	Trabalho Educação	16
2.2	Trabalho Educação e Sustentabilidade	19
3	METODOLOGIA	20
3.1	Tipo de estudo	20
3.2	Local contexto	21
3.3	Os Sujeitos informantes	21
3.4	Método e técnica de coleta e análise dos dados	21
4	ANÁLISE E RESULTADOS	22
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIA	28
	ANEXO	29

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho que versa sobre a temática **EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: Um Estudo Sobre o Trabalho Artesanal e Sustentabilidade na Vila de Carapajó-Cametá-Pará**, trata de uma questão de grande relevância social para o contexto regional, por apresentar uma reflexão que consiste na tentativa de compreender como a carpintaria naval pode auxiliar na produção local a partir de uma perspectiva educacional voltada para a sustentabilidade com vista à viabilidade econômica, responsabilidade ambiental e compromisso social.

Entende-se como carpintaria naval, todas as atividades ligadas à construção dos diferentes modelos e portes de embarcações construídos de acordo com o contexto histórico e sociais de cada época. Para Silva: “(...) as embarcações construídas têm a finalidade de transportar passageiros, mercadorias, madeiras, gados e etc”, oferece portanto, condições para circulação de pessoas e produtos regionais”. (SILVA, 2009, P.48).

Trata-se de uma abordagem a respeito dos conhecimentos que são produzidos no interior da “Amazônia Tocantina”, que segundo a concepção do professor Francivaldo Alves Nunes esta expressão consiste em uma unidade do território brasileiro e expansão de domínio, (NUNES, 2010, P.01-10).

Conhecimentos estes que dizem respeito, as formas de organização política, econômica e sociais, referentes aos aspectos da vivência e experiências cotidianas que constituem a formação das identidades culturais dos povos nas suas localidades de origens.

O conhecimento que estes grupos possuem pode auxiliar no fornecimento de alternativas práticas e conscientes de formas de produção que apresentam melhor equilíbrio produtivo e de uso dos elementos naturais, como alternativa de produção, aos sistemas produtivos maiores e mais complexos da sociedade atual.

A reconstituição dos conhecimentos sobre as práticas produtivas e sociais existentes nas comunidades tradicionais que atualmente são compreendidos como formas viáveis para a promoção do desenvolvimento econômico, social e humano por apresentarem alternativas de trabalho e de exploração dos recursos naturais de modo responsável e equilibrado caracterizando o princípio do processo da sustentabilidade econômica e da sociabilidade estrutural, uma importante peculiaridade local que se diferencia da lógica produtiva comercial do atual sistema.

Este trabalho também objetiva destacar a importância da educação como um fator para a formação humana e de contribuição para a convivência social dos sujeitos como afirma

Ferreira: “é preciso que as escolas ribeirinhas encarem as formas de luta político-cultural, proporcionando aos seus sujeitos uma atuação responsável e crítica onde (...) se reconstrua o conhecimento”. (Ferreira, 2007, in: SILVA, 2009, P.140). Estes sujeitos conjuntamente precisam manter formas de sociabilidades, além do conhecimento da formação histórica e espacial da região, assim como de alguns aspectos que produziram formas de conhecimento que contribuíram para o desenvolvimento social ou econômico ou regional ou local.

Ressalta-se ainda que o acúmulo das experiências produzidas pelas populações tradicionais, em parte, são resultados dos conhecimentos gerados pelo sistema econômico atual, e a outra parte, é resultante de processos de sociabilidades locais originados a partir das descobertas realizadas pela sabedoria dos povos milenários, que neste estágio de desenvolvimento produtivo e humanizado se diferencia e se destaca dos demais pela forma como se relacionavam com a natureza.

Naquele momento da história, o homem sentia-se muito mais dependente e ligado ao meio natural, necessitando, portanto manter uma relação produtiva e de exploração dos recursos de forma equilibrada retirando da natureza somente o necessário para a sua sobrevivência. Segundo Saviani: “diferentemente dos animais, que se adaptam a natureza, o homem exerce o seu domínio sobre a natureza, fazendo-a se adaptarem as suas necessidades”. (SAVIANI, 2007, in: SILVA, 2009, P.129).

Porém, o processo de relação do homem com a natureza tornou-se mais dinâmico e devastador o que tem permitido o desequilíbrio ambiental e os efeitos negativos para todos os seres do nosso planeta.

A reconstrução do meio ambiente em boa parte depende da ação do homem no seu cotidiano, ou seja, trabalhar de forma consciente e responsável, produzir e desenvolver o espaço pressupõe antes de tudo a reformulação dos conhecimentos, criando alternativas de sustentabilidades, desenvolvimento local e regional, tendo em vista a promoção social do bem comum a serviço da realidade.

1.1 - Justificativa

As condições que estamos vivendo, significa antes de tudo perceber as relações sociais dos sujeitos e seu desenvolvimento nos diferentes espaços e os reflexos constituídos ao longo do tempo histórico.

Desta maneira, a educação enquanto aquisição de conhecimento que os sujeitos adquirem é um dos elementos fundamentais para que os homens se organizem em detrimento do desenvolvimento dos mesmos no contexto regional de seu pertencimento.

Com isso a temática Educação e Desenvolvimento Regional: um estudo sobre o trabalho artesanal e sustentabilidade na Vila de Carapajó – Cametá – Pará, é relevante, pois o trabalho artesanal, associado a um ensino de qualidade, pode contribuir com desenvolvimento da economia, ou seja, da produção artesanal local que poderá ser comercializada gerando recursos financeiros e estes poderão ser aplicados na própria região, por meio de outras ações, que revelem o crescimento sócio-político- econômico e cultural da população cametaense e que promova o relacionamento harmonioso entre o homem a natureza.

Além disso, com um desenvolvimento da produção local as pessoas se tornam mais independentes e criam estratégias baseadas em experiências de trabalho reconstruindo conhecimentos que cooperam mutuamente para o crescimento de toda a comunidade.

Para realização de qualquer desenvolvimento a educação deve ajustar-se as necessidades dos sujeitos, uma vez que, a apropriação de conhecimentos é uma das ferramentas importantes para a ação formadora dos sujeitos que atuam no século XXI, uma perspectiva que na região de Carapajó-Cametá-Pará, parece distante da realidade dos trabalhadores artesanais ribeirinhos o que tem gerado debates, reflexões e preocupações a partir de algumas razões.

A primeira razão é a falta de uma política de desenvolvimento regional que valorize o trabalho das populações tradicionais ribeirinhas considerando a ação produtiva voltada para o contexto local e os sujeitos envolvidos no processo produtivo.

A segunda é a ausência de uma ação educativa que associe educação e desenvolvimento agregando os conhecimentos tradicionalmente vivenciados pelas populações tradicionais e o conhecimento sistematizado.

A terceira razão seria a falta de políticas públicas e de criação de créditos e projetos sociais que estimulassem a prática da carpintaria naval, ligada a idéia da produção com base no princípio da sustentabilidade.

A quarta razão consiste na desatualização dos conhecimentos e das práticas de trabalho que envolve os sujeitos da carpintaria naval que perdem espaço de trabalho devido à evolução do processo produtivo moderno que se apropria de outros mecanismos produtivos como os técnicos científicos para construir embarcações em alumínio, ferro ou fibras plásticas.

Embora essas razões venham sendo apontadas como fatores intervenientes para se pensar numa proposta que integre o trabalho local a dinâmica produtiva mais complexa do sistema, notou-se a importância da carpintaria naval para a vida dos sujeitos que dependem desta atividade como principal condição viável para sobrevivência e o desenvolvimento local.

O cenário indica que pensar na educação, no trabalho e desenvolvimento regional das populações tradicionais, é relevante e indispensável na medida em que a real significação dos conhecimentos ligados as práticas da carpintaria naval podem contribuir para o desenvolvimento local e regional.

1.2 Situação/Problema

Diante do avanço técnico e científico e que a humanidade vem atravessando, o conhecimento e sua reestruturação ainda apresenta grandes vantagens para a compreensão do desenvolvimento dos diferentes espaços sociais, onde os homens estão integrados e dependem em grande parte da reconstrução dos saberes para se reorganizarem na sociedade.

Em relação à educação e seus efeitos, pouco desenvolvimento tem se observado nas ações que são praticadas nos espaços regionais, e na própria condição de vida que muitos levam para sobreviver na sociedade atual.

Esse procedimento tem gerado estudos e discussões referentes ao modo de vida e às práticas de trabalho presentes no cotidiano dos trabalhadores que vivem as margens dos rios, dentre estes, da Vila de Carapajó-Cametá-Pará, que tem provocado indagações como: *que tipo de educação vem sendo pensada para garantir desenvolvimento social, sustentabilidade e produção de conhecimentos, que estimulem a renovação e crescimento das práticas sociais e de trabalho regional e local das populações tradicionais?*

1.3 Objetivos

1.3.1- Geral

Estudar como o trabalho artesanal ribeirinho pode auxiliar na produção local a partir de uma perspectiva educacional sustentável, com vista à viabilidade econômica, responsabilidade ambiental e compromisso social.

1.3.2- Específicos:

Identificar nos processos produtivos artesanais da carpintaria naval com características sustentáveis que auxiliem na reconstrução dos conhecimentos voltados para a produção local.

Refletir sobre a importância da carpintaria naval como trabalho alternativo e educacional sustentável, onde a produção contribua com o desenvolvimento local.

Analisar as reais possibilidades de sistematização dos trabalhos artesanais sustentáveis ligados a educação, a prática social e ao desenvolvimento regional.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação como fator de formação humana que contribui para o desenvolvimento regional e local, compreende o homem atualmente como sujeito civilizado, participativo, reflexivo, crítico e ativo, uma vez que o homem, desde sua origem, vem seguindo uma trajetória de vida que obedece aos princípios de sociabilidade. Estes princípios constituem valores que possibilitam maior qualidade de vida humana e social.

Como ser social o indivíduo, orienta-se por regulamentos e processos educacionais que se diferenciam, dependendo da forma como o seu grupo social organiza-se em um determinado tempo e um espaço natural. A convivência em conjunto implica responsabilidades individuais e coletivas, bem como, a divisão de atribuições que redefinem as relações de trabalho.

A compreensão do desenvolvimento regional pensada a partir das perspectivas produtivas locais precisa levar em consideração, a princípio as formas de organização social, espacial e produtiva local das populações tradicionais, que para GTA: “São populações que habitam uma região durante períodos relativamente longos, (...) são representadas pelos atuais remanescentes de quilombolas, por caboclos, ribeirinhos, seringueiros, castanheiros, caiçaras e pescadores (...) e praticam atividades de relativo baixo impacto ambiental”. (GTA, in: SILVA, 2009).

A posse destes conhecimentos pode garantir uma ação social produtiva planejada com base nos princípios da sustentabilidade e da sociabilidade regional.

Conhecer o processo histórico e de formação espacial, no que dizem respeito as suas relações sociais, suas formas produtivas, bem como as ações trabalhistas que revelam uma relação mais equilibrada entre o homem e a natureza, é de grande importância, uma vez que, além de proporcionar metodologia de ajuste econômico na produção regional, também nos

fornece exemplos de práticas sociais e educativas que estimulam ao princípio da sustentabilidade na economia local como Costa acentua:

(...) “é preciso aceitar que não há soluções iguais para problemas que envolvam ecossistemas diferentes, populações culturais e tradições particulares em que cada um ou uma tem sua particularidade e deve ser tratada como tal (...) a natureza não conhece sistemas ou modos de produção (capitalismo ou socialismo) ou modos de desenvolvimento (industrialismo ou informacionismo, etc.). No entanto, os resultados dos processos evolutivos dos sistemas de produção e modos de desenvolvimentos, incidem diretamente nos ecossistemas e deixam conseqüências (...) Por esta condição, torna-se relevante os esforços no sentido de pesquisar, estudar, experimentar e construir novas interações entre as ações humanas e suas relações entre si e com os demais seres com a natureza. (COSTA,2006,p.64).

Costa reafirma a idéia de construção de novos saberes a partir do acúmulo das experiências e dos processos interativos que promovem a reconstrução dos conhecimentos envolvendo os diversos elementos da natureza.

Reaprender técnicas simples de produção que garantam a produção e a comercialização dos produtos regionais sem gerar grande devastação ou comprometer o ambiente pela poluição é um desafio que consiste na renovação da forma de uso dos recursos, tanto naturais como os culturais, pois é uma iniciativa que provoca alteração na cadeia produtiva e comercial vigente, mas que pode ser desenvolvida de forma paralela ao sistema, porém com uma preocupação maior sobre o ambiente e a equidade social.

Esta preocupação procura compreender como o saber que os sujeitos possuem pode ajudar a fornecer alternativas práticas e conscientes de formas de produção que apresentam melhor equilíbrio produtivo e de uso dos elementos naturais, os quais podem ser sugeridos como alternativas de produção, aos sistemas produtivos maiores e mais complexos da sociedade atual.

Com isso destaca-se a importância da educação sistematizada como um fator de equilíbrio social na formação humana para melhor entrosamento dos homens que precisam da convivência conjunta para desenvolver inovação nas formas de sociabilidade. Neste sentido, também é relevante destacar a importância do conhecimento da formação histórica e espacial ocorrido na região, assim como de alguns aspectos que produziram formas de conhecimentos que contribuíram para o desenvolvimento social econômico e local. Segundo Munducuku:

“Todo aprendizado de respeito à natureza é transmitido desde o nascimento. A criança vem sendo introduzida no convívio social ao longo dos momentos marcantes do seu processo de crescimento. Até mesmo no ato de ouvir uma história narrada por um velho da aldeia, a criança está aprendendo como deve ser seu relacionamento com a natureza”. (MUDURUKU, 2002, Apud MARES, 2007, in: SILVA, 2009).

O acúmulo das experiências produzidas pelas populações tradicionais, em parte, são resultados dos conhecimentos gerados pelo sistema econômico atual, e a outra parte, é resultante de processos de sociabilidades locais originados a partir das descobertas realizadas pela sabedoria dos povos milenários.

É justamente este estágio de desenvolvimento produtivo e humanizado que tem se diferenciado e se destacado dos demais pela forma como os povos se relacionavam com a natureza, pois naquele momento da história, o homem sentia-se muito mais dependente e ligado ao meio natural necessitando manter uma relação produtiva e de exploração dos recursos de forma equilibrada retirando da natureza somente o necessário para a sua sobrevivência. De acordo com Brandão:

“(…) o homem que transforma, com o trabalho, partes da natureza em invenções de sua cultura aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior dessa cultura em situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender: em educação. Na espécie humana, a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de interações, de padrões de cultura e de relações de poder.” (BRANDÃO, 2007, p.14).

Brandão, neste trecho, entende que a educação é apropriação da experiência que se acumula na vida do homem gerando conhecimento e transformando-o em ação pelo trabalho.

A natureza que em grande parte é utilizada pelo homem como suporte para promover cultura, faz o homem aprender com o tempo e o espaço a transformar recursos naturais e culturais em símbolos que entre outras coisas expressam interação social, prática de trabalho e relação de poder que se reafirmam através de processos de ensino-aprendizagem.

É um movimento dinâmico que corresponde à situação social envolvendo “o ato de aprender e ensinar através de uma forma educativa recíproca que trata a educação como um processo contínuo que não situa a vida somente na esfera do trabalho, mas também, numa identificação daquilo que o sujeito está fazendo no seu cotidiano”. (BRANDÃO,2007, P.46). Educação e trabalho se correspondem reciprocamente, pois explicita que:

(...) ”A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação que todo o meio Sociocultural adere os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que a educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isso pode acontecer. Portanto, é a comunidade quem corresponde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida e também com a aula ao educando”. (BRANDÃO, 2007, P.47).

Para Brandão, a educação existe e está muito além do que a própria escola possa oferecer, pois, a experiência humana se constitui como resultado da própria ação de todo o processo cultural alicerçado nos seus participantes e os sujeitos dinâmicos ou pelos seus conhecimentos organizam e transformam seus espaços e suas vidas.

É neste sentido, um contínuo e permanente exercício do ato de viver, que segundo Brandão, “é o que educa o sujeito característica da ação do trabalho, e dinâmica social de seu contexto político e histórico”.

Quando refletimos sobre o ambiente escolar, evidentemente compreendido como um espaço de convívio provisório, de encontro de pessoas e de relações sociais, onde ocorrem modelos diferenciados de redefinição de saberes que possam configurar processos sistematizados de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, Brandão recorda que o lugar que acontece esses processos, está situado a comunidade. Grupo de homens e mulheres que pela prática do trabalho convivem e aprendem ao mesmo tempo. A cultura será então orientada no sentido da existência da vida e dentro do espaço educativo, que para Arroyo:

“No entanto, a escola, pode ser muito mais. Ela é, na verdade, um grande espaço social da convivência daqueles que são sistematicamente desumanizados pelo trabalho, pelo isolamento e por suas condições de existência. É, também, um local de fala dos que não tem voz, no dia-a-dia, de participação no contexto social e afastado da possibilidade de parte do conhecimento”. (ARROYO, 1991, P.166.).

A idéia de uma escola sistemática defendida por este autor representa grande relevância para a formação humana, pois, o “conhecimento deve ser uma união de saberes, que possibilitem uma melhor convivência entre homens e mulheres que são desumanizados pela relação de trabalho, de isolamento do contexto social e da própria existência”. (ARROYO, 1991, P.166 – 167).

A escola, portanto, “(...) é o local onde se expressão as vozes dos oprimidos, dos excluídos e daqueles que são impedidos de dizerem o que sentem ou pensam na construção dos conhecimentos”. (ARROYO, 1991, 167).

Por esta razão, repensar a educação numa perspectiva sistematizada e qualificada “significa refletir sobre as condições capazes de gerar o desenvolvimento pessoal subjetivo dos espaços para que sejam significativos aos sujeitos que estão inseridos na comunidade”. (ARROYO, 1991, P.166). Desta maneira, o trabalho pesquisado possibilitará uma visão maior do conhecimento sistemático formal na relação de trabalho dos sujeitos envolvidos caracterizado pelo desenvolvimento do espaço e da sustentabilidade no cotidiano.

2.1- Educação e Trabalho

Segundo Aranha “a educação no âmbito geral se caracteriza com o resultado das experiências humanas, empregadas nas diferentes relações de trabalho, objetivando com isso, suprir as necessidades de vida e tempo em épocas diversas”. (ARANHA,1996, P.22). Neste sentido, educação e o trabalho apresentam processos de reciprocidade na vida do homem, pois, o ato de experimentar, está ligado ao desenvolvimento do pensamento que se articula com as habilidades através das práticas sociais. De acordo com Aranha:

“Como práxis, qualquer ação humana é sempre carregada de teoria (explicações, justificativas, intenções, previsões, etc.). Também toda teoria, como expressão intelectual de ações humanas já realizadas ou por, resultado da prática. Convém ainda, entender a práxis dentro de um contexto social, pois as ações se realizam entre os homens”. (ARANHA,1996, P.22).

A partir dos enunciados acima, constatamos que a educação de modo geral se completa pela ação do trabalho. É uma realização do pensamento humano, ligado pela ação, ou seja, pelo trabalho. “Toda ação tem sempre uma explicação para algo realizado isso caracteriza a aplicação da teoria com a prática, relacionando a intelectualidade do ato de pensar com o resultado das ações correspondentes ao trabalho”. (ARANHA, 1996, P.23).

Nesta relação os homens constroem seus espaços, desenvolvem suas habilidades e capacidades cognitivas correspondentes ao contexto social onde estão inseridos, portanto a história, a cultura e a política social, entre outros aspectos, são elementos que possibilitam o desenvolvimento regional em diferentes contextos.

Vale ressaltar que a pesquisa situa o contexto do homem na sua relação permanente de conhecimento e trabalho de maneira produtiva. Educação e trabalho, dentro da reciprocidade humana envolvendo teoria e prática constitui não só o pensamento, mas, sobretudo ação concreta nas diversas atividades intelectuais ou físicas exercida por grupos dos diferentes segmentos sociais.

“Esses sujeitos constroem culturas que transformam a natureza através das ações e da realização do trabalho, tendo em vista a sobrevivência adquirida pelas experiências de vida, assim como através das relações que se processam no meio social”. (ARANHA, 1996, P.23). O conhecimento sistematizado e aplicado como uma forma de mediação entre educação e trabalho, tornou-se dependente em grande parte da organização social que resulta do desenvolvimento do saber subjetivo individual e coletivo.

Este saber, por sua vez precisa passar por processos constantes de aprimoramento com base no princípio educativo formal. Segundo Aranha:

“Apesar de pertencer ao mundo do trabalho, a escola deve dar condições para que se discuta criticamente a realidade em que se acha mergulhado. Ou seja, para exercer sua função com dignidade, precisa manter a dialética herança-ruptura: ao transmitir o saber acumulado, deve ser capaz de romper com as formas alienantes, que não estão a favor do homem, mas contra ele”. (ARANHA, 1996, P. 26).

O trabalho tem uma ampla dimensão social que ultrapassa nossa capacidade de compreensão ou entendimento, porém, a escola enquanto instituição de ensino deve dar condições para que os sujeitos tenham autonomia própria para discutirem de maneira crítica a realidade onde estão inseridos, ou seja, nos devidos espaços de pertencimento e participação nos grupos sociais e comunitários.

O conhecimento só tem importância na vida, quando possibilita a dinamizar o crescimento pessoal de todo o conjunto da população, e isto depende em grande parte de como este é aplicado no contexto da realidade onde as pessoas estão envolvidas.

Com esta caracterização a função da escola é favorecer a formação humana pautada na dignidade precisando manter a ética que dá condições para romper velhas formas de apreensão e de ensinamentos, o que possibilita a transformação do saber acumulado, devendo ser capaz de romper também com idéias alienantes que nem sempre estão a favor do homem no seu ambiente físico e natural. Segundo Aranha, “o importante é que o conhecimento seja refletido e inovado dando oportunidade para o crescimento dos sujeitos no espaço social local e para o fortalecimento da dignidade humana bem como para a formação da cidadania”.

(ARANHA, 1996, P.27).

Atualmente, vem se discutindo políticas educacionais na educação, onde são levadas em consideração, a flexibilidade curricular, a organização e a sistematização dos conhecimentos, bem como o planejamento e a realidade que cada sujeito se encontra, uma vez que, os espaços influenciam tanto no pensamento quanto na prática do cotidiano.

Pensar educação e trabalho no desenvolvimento regional exige, portanto, uma tomada de decisão por meio da comunidade e dos que colaboram na formação de ensino aprendizagem quanto das práticas que circulam e determinam o conhecimento nos diferentes contextos da sociedade.

A compreensão do trabalho a partir de uma perspectiva artesanal e local voltada para o “desenvolvimento regional no qual também se define os conhecimentos sobre os aspectos culturais e organizacionais dos grupos sociais que formam as comunidades mantendo os valores específicos da sabedoria tradicional”, (COSTA, 2006, P.112), permitem um melhor entendimento sobre o conceito de desenvolvimento social resultante das concepções cotidianas e locais.

Essa forma de concepção consiste na idéia de um avanço progressivo característico de um processo produtivo que se desenvolve em ritmo mais lento se comparado com a lógica de desenvolvimento do sistema atual.

Apesar de a produção artesanal regional está ligada ao sistema produtivo social mais complexo, o conhecimento tradicional também apresenta excelente qualidade nas diferentes formas de produção artesanal.

Toda essa compreensão caracteriza as formas de convívio e de práticas sociais que correspondem todo o conjunto de elementos capazes de suprir as necessidades e objetivos aspirados pela demanda local que representa o dinamismo do conhecimento e da sabedoria dos grupos sociais que estão mais diretamente ligados ao contexto produtivo local.

Essa forma de construção da sabedoria tradicional se sustenta pela transmissão de conhecimentos e valores sociais e pela reinvenção dos saberes que obedecem aos processos lógicos de crescimento cultural que se reconstróem ou inovam na medida em que as mudanças no sistema exigem alterações na organização local. No entanto, a pesquisa em estudo, detectou entre outras coisas, que a falta de políticas públicas de incentivo ao trabalho artesanal na Vila de Carapajó, Cametá Pará, gerou certa perda no espaço de trabalho dos artesões devido estes não conseguirem acompanhar a evolução dos conhecimentos que são exigidos para o trabalho que atualmente envolve novos procedimentos tecnológicos para a construção de embarcações.

2.2 - Trabalho, Educação e Sustentabilidade

A capacidade que o homem deve desenvolver diante do contexto social e ambiental consiste, entre outras coisas, em uma chamada de atenção dos sujeitos para fazerem uso dos recursos naturais de modo consciente e racional para não comprometer a vida presente e futura no planeta terra.

A educação sistemática como instrumento que capacita e habilita o ser humano para criar seu meio de sustentabilidade, deverá proporcionar um equilíbrio central na relação que envolve o homem e o meio ambiente, dando condições para o aprimoramento do comportamento humano frente à realidade em que são postos os recursos da natureza, tendo como finalidade primordial a manutenção da vida e o equilíbrio ambiental.

Segundo o pro jovem- campo-saberes da terra entende que o desenvolvimento e sustentabilidade:

São relativos quanto ao tempo e espaço. São, portanto, históricos e geográficos, econômicos, políticos, sociais e ambientais. O desenvolvimento sustentável trás a promessa de conciliar equidade social, crescimento econômico, mercado e preservação do meio ambiente no que diz respeito aos padrões de uso e sustentabilidade dos recursos naturais e à promoção da sociedade. (SABERES DA TERRA, 2008, P.43)

A educação sistemática, por sua vez, deve despertar, no homem, a sensibilidade para perceber e fazer uso da sustentabilidade no seu dia a dia, partindo do conceito de relatividade de tempo e espaço como fatores históricos e geográficos intrinsecamente ligados pela ação que desenvolvem e produzem a partir das relações sociais que constroem em conjunto e que devem ser fruto de todo o processo que emana a sustentabilidade do próprio homem no seu meio ambiente.

Saber utilizar os conhecimentos para construir inovações na cadeia de relação social e ambiental significa garantir possibilidades para a promoção do desenvolvimento regional e local, proporcionando autonomia própria para o direcionamento das atividades de maneira racional e comprometida com a preservação ambiental que deve ser compreendida como parte da vida dos sujeitos.

A idéia de sustentabilidade surgiu no contexto da modernidade como promessa de conciliar a vida humana e o crescimento econômico com ênfase para o mercado e a preservação do meio ambiente, indicando que a humanidade precisa manter o respeito e o reconhecimento pela natureza e os elementos que ela oferece para o homem sobreviver,

consistindo, portanto, numa promoção de crescimento de padrão de vida de toda a sociedade, uma vez que há a necessidade de equilibrar as ações humanas de modo racional. Neste sentido, Costa acrescenta:

“Considera-se a sustentabilidade como a capacidade dos sistemas para produzir e manter sua produção e produtividade ao longo do tempo, bem como faz parte, ainda desta definição a capacidade de promover a saúde, o bem estar material e econômico da comunidade e seus laços e raízes culturais, permitindo lhes se reproduzir e manter sua identidade, além de garantir em bom estado de uso e conservação o ambiente e os recursos naturais para as atuais e futuras gerações e se possível melhorá-los”. (COSTA, 2006, P.295).

A sustentabilidade definida por Costa se caracteriza pela capacidade dos sistemas produzirem mantendo o ritmo da produção ao longo dos tempos. É uma forma de promover desenvolvimento mantendo o equilíbrio ambiental conservando os recursos e assegurando a permanência destes para a continuação da vida no planeta.

O comprometimento com os princípios que tratam o conceito de sustentabilidade como fator de responsabilidade social e ambiental, permite condições para a reprodução e a manutenção das identidades tradicionais, possibilita a permanência dos laços culturais, além de garantir o uso e conservação de recursos naturais para as gerações presentes e futuras.

3 METODOLOGIA

3.1-Tipo de Estudo

O estudo trata de uma abordagem qualitativa, ou seja, um tipo de estudo de caso que permite ao pesquisador passar do contexto da observação para o interpretativo, pois considera as partes como um todo na pesquisa realizada que segundo Elizabete Teixeira: “O estudo de caso visa à descoberta, (...) os estudos de caso enfatizam a “interpretação do contexto”. Um princípio básico deste tipo de estudo é que para a apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta todo o contexto em que ele se situa”. (TEIXEIRA, 2001). Situar a pesquisa no seu devido contexto considerando “retratar a realidade de maneira profunda” permite ao pesquisador “revelar as multiplicidades de dimensões presentes numa determinada situação ou problema”.

3.2- O Local/Contexto

Quanto ao local da pesquisa foi um estudo realizado na orla portuária da vila de Carapajó distrito de Cametá-Pará, onde muitos sujeitos continuam exercendo atividades ligadas à carpintaria naval artesanal. Construindo diferentes modelos de barcos e canoas, pois é nesta forma de atividades profissional que muitos buscam suprir as suas necessidades diárias nos seus diversos aspectos e manter a sobrevivência cotidiana.

3.3- Os sujeitos informantes

Neste sentido, os sujeitos informantes foram selecionados alguns trabalhadores da construção naval artesanal, que de maneira simples utilizam conhecimentos complexos que se reproduzem no interior de cada família e são concebidas como práticas produtivas e sociais geralmente repassados as gerações seguintes pelo processo educativo vinculado ao trabalho. Estes sujeitos praticam a construção naval e produzem embarcações de todos os portes e modelos por considerarem essa atividade como fator de importância econômica para as suas famílias que dependem diretamente das atividades artesanais como forma de garantir o suprimento das necessidades diárias e a sobrevivência cotidiana

3.4- Método e técnica de coleta e análise dos dados

A metodologia proposta para este estudo bem como as técnicas empregadas contou com o uso de relatos orais, entrevistas semi-estruturadas, observações, questionários contendo perguntas e respostas que foram respondidas pelos participantes e registros fotográficos.

O procedimento metodológico usado na coleta dos dados permitiu o acesso a uma quantidade significativa de informações que foram extraídas a partir de evidências diversas que segundo Thompson “a evidência oral pode expor com muito mais clareza do que os documentos, (...) o processo de entrevistas mostrou ser o modo mais rápido de construir um esboço de história econômica local de cada comunidade e de cada empresa familiar”. (THOMPSON, 1992, p.107).

A posse das informações obtidas pela pesquisa de campo possibilitou a análise o levantamento de possíveis discussões, interpretações e descrições minuciosas das informações por considerar que o objeto em estudo trata de uma atividade produtiva que precisa ser

analisada a partir de estudos detalhados que considere suas particularidades e especificidades locais, que na concepção de Giovane Levi:

“A micro-história como prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação em uma análise microscópica, e em um estudo intensivo do material documental. (...) por exemplo, que as comunidades locais possam ser adequadamente estudadas como objetos de sistemas de pequenas escalas, mas que as escalas maiores deveriam ser usadas para revelar as conexões entre as comunidades de dentro de uma região, entre as regiões dentro de um país, e assim por diante. (LEVI, 1992, p.131-137).

LEVI chama atenção para elaboração de estudos, em contextos locais, que considere toda a diversidade de elementos informativos e de evidências que podem garantir melhor consistência na produção de conhecimentos históricos voltados para as especificidades comunitárias e locais. Esta forma de concepção destaca a importância de estudos localizados o qual contribui para a construção de novos conhecimentos os quais poderão servir para fundamentar políticas para o desenvolvimento regional e local.

Diante do estudo documental e das evidências obtidas a partir deste estudo obteve-se o resultado da pesquisa compreendido como uma forma de contribuição para a reconstrução dos conhecimentos que devem servir como forma de intervenção para melhoria da qualidade de vida e do desenvolvimento regional e local.

ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS DA PESQUISA

O Trabalho e a Prática produtiva do homem têm revelado processos contínuos e permanentes de aperfeiçoamento dos conhecimentos que produzem o mundo contemporâneo e que sustentam a idéia de desenvolvimento social e espacial construído pelo ser humano.

Desta maneira a reflexão do trabalho artesanal tem como referência a sustentabilidade do homem ribeirinho, em destaque a Vila de Carapajó, onde foram entrevistadas pessoas que ainda praticam atividades artesanais de construções de barcos, mantendo a própria sobrevivência.

A carpintaria, portanto, ainda é uma atividade visível na Vila de Carapajó, caracterizado pelo trabalho artesanal que tem a capacidade de construir diversos modelos de embarcação, um tipo de atividade produtiva executada por pessoas simples, mas que tem amplo conhecimento adquirido no decorrer da própria existência.

Em entrevista com um carpinteiro sobre como ele se desenvolveu na Vila de Carapajó o entrevistado disse:

A carpintaria se desenvolveu por conta da construção dos marabaenses, que eram construídos para viajar para a parte de cima da região Tocantina e para a parte de baixo eram construídos os iates que faziam viagens mais longas. A diminuição da construção das embarcações se deu por conta da construção da Hidrelétrica de Tucuruí e da abertura de estradas. (Benedito Jorge Alves, 48 anos).

Pelo relato acima, podemos entender que a carpintaria naval tinha um grande destaque na região Tocantina Vila de Carapajó, estes modelos diferentes de embarcações eram construídos em quantidades maiores destinadas a navegar em diferentes partes do Rio Tocantins. Para Costa: “(...) a geografia tinha grande relevância na vida das pessoas e no desenvolvimento regional, uma vez que, os barcos circulavam nos rios, igarapés e furos levando as mercadorias para serem comercializadas com as populações. Refletia neste sentido no crescimento local”, (COSTA, 2006), pois:

“Suas relações sociais construídas por valores culturais comuns têm capacitado os moradores a organizar e desenvolver um conjunto de técnicas artesanais, bem peculiar dessa microrregião da Amazônia brasileira que lhes tem permitido sobreviver por séculos neste ecossistema”. (COSTA, 2006, p. 172).

Costa entende que o ritmo do desenvolvimento da região foi impulsionado por relações sociais marcadas por valores culturais comuns, bem como práticas de trabalhos sustentados por diversas técnicas artesanais que ao longo da história do homem vem se arrastando e modificando de acordo com as necessidades de cada tempo.

A diminuição da construção da carpintaria dos barcos foi apontada por dois fatores: primeiro relacionado à construção da barragem de Tucuruí, que impossibilitou um percurso maior das navegações gerando estagnação e decréscimo no intercâmbio comercial entre as localidades que situam-se as margens do rio; segundo foi a abertura de estradas contribuíram para a não construção de barcos, pois, os caminhões, tratores, carros e outros tiveram destaque na transportação de mercadorias para as cidades da região Tocantina.

Para Costa: “a Hidrelétrica de Tucuruí desestruturou a vida da população ribeirinha”, porém:

“A busca de saída para essa desestruturação foi à criação de alternativas para a sobrevivência através de estratégias produtivas e tecnológicas complexas, envolvendo sistemas de cultivo, manejo, criação, extrativismo e pesca artesanal, tentando adaptar-se às condições impostas pela realidade pós-

barragem como a diminuição significativa na fauna aquática da região”. (COSTA, 2006,).

A construção da barragem de Tucuruí, portanto, é um dos fatores que dificultaram os meios de sobrevivência dos sujeitos, obrigando a criarem alternativas para superar os obstáculos das conseqüências impostas pelo fechamento do rio. No caso das embarcações, os trabalhos decaíram também, pois, a carpintaria naval perdeu boa parte de sua importância para a região, uma vez que não houve interesse em manter da comercialização fluvial assim como a construção de barcos.

Em relação às dificuldades encontradas nos trabalhos do cotidiano o entrevistado disse o seguinte:

“As atividades da carpintaria na atualidade passaram por dificuldades tais como: não há interesse em aprender por parte dos jovens os serviços ligados a carpintaria; falta de incentivo e política por parte do governo com a produção artesanal, desvalorização da profissão, o trabalho de carpintaria substituída por pedreiros, os modelos de barcos foram trocados por rabetas e diferentes tipos de barcos”. (Benedito Jorge Alves, 48 anos e Raimundo Nascimento, 57 anos- Carapajó).

Partindo dos depoimentos acima, observa-se que o problema relacionado à carpintaria naval ligada a construção de barcos dentre os vários destacam a falta de políticas públicas de incentivo e valorização do trabalho. Deste depara-se com o desaparecimento das atividades consideradas tradicionais e o empobrecimento de alguns segmentos sociais locais.

Quando o senhor Raimundo Nascimento 57 anos, diz que os modelos de barcos foram trocados por rabetas o que confirma o seguinte trecho:

A concentração de uma categoria de transporte, denominados na região de rabetas. São nestas pequenas canoas motorizadas, sem nenhum tipo de cobertura, onde chega a transportar até 15 pessoas, que grande parte são moradores do interior de Cametá. Além das rabetas, há também os barcos comerciais que transportam passageiros de diversas localidades com destinos a sede do município. (Silva 2009, p. 48).

O relato acima se comparado com o entrevistado podemos deduzir a seguinte hipótese: o desaparecimento dos antigos modelos de barcos foram bruscamente substituídos nos últimos anos pelas rabetas um tipo de barco bem diferente do que tínhamos até então, na vila de Carapajó pertencente ao município de Cametá.

Diante dos impasses em relação a atividade da carpintaria naval artesanal, onde os sujeitos ainda lutam para sobreviver contribuindo com o desenvolvimento local, uma vez que:

“A gente ajuda na parte da cultura, esporte e com a comunidade patrocinando eventos importantes na socialização dos conhecimentos na vida das pessoas. Na verdade a Vila vem tendo outras atividades como de pedreiro, construção de casas, imóveis, rabetas, cascos, etc. essas atividades geram determinados recursos que se materializam nas relações dos sociais dos homens na sociedade”. (Senhor, Benedito Jorge Alves, 48 anos).

Para Costa: “as mudanças na relação de trabalho/ produção está inserida na dinâmica do sistema capitalista. Desta forma, o espaço é mudado, os valores e representação social ganham outra dimensão no campo da cultura, economia e pensamento”. (COSTA, 2006).

Neste caso, o desenvolvimento local e regional está sustentado pela relação do crescimento de novas atividades de trabalho que garantem não só a sobrevivência, mas as transformações no conjunto de toda a sociedade.

Para suprir tais necessidades e melhorar o trabalho artesanal acredita-se:

“Na melhoria da educação, incentivo a profissão do trabalho artesanal, investimento em projetos alternativos; valorização das práticas de diferentes trabalhos; introdução de máquinas e ferramentas elétricas. Etc”. (Benedito Jorge, 48 anos- Carapajó).

Para Costa “(...) as mudanças provocadas pelo sistema capitalista vigente impõem para a sociedade e principalmente para os trabalhos uma nova postura de conduta baseada em novos conhecimentos e valorização de diversas práticas sociais de relação que envolve trabalho, cultura e economia”. (COSTA, 2006).

O desenvolvimento local e regional, também são definidos pelos elementos do sistema, dentre estes está a questão da atualização dos conhecimentos que devem ter significados e representação social no contexto de nossa sociedade.

Pensar, portanto, no desenvolvimento regional é necessário “propositalmente criar alternativa sustentável que possibilite uma relação de equilíbrio entre a ação humana e seu meio natural, pois na medida em que o homem pensa no progresso ele precisa refletir seu comportamento no espaço que está inserido”. (COSTA, 2006).

Em conversa com o senhor Manoel Luiz Rodrigues (Mestre Amor), 76 anos de idade, residente na Vila de Carapajó, ele falou o seguinte sobre sua recordação dos velhos tempos da carpintaria:

Eu tenho aproximadamente 57 anos de profissão, estudei as séries primárias com o professor Raimundo Pio da Costa, o qual tinha como preocupação exclusiva ensinar os

adolescentes a ler bem, escrever bastante, fazer com eficiência as quatro operações matemáticas e orientá-los para que aprendessem uma profissão.

Este motivo incentivou o senhor Manoel Luiz a dedicação ao ofício a partir dos seus 12 anos de idade tendo como responsável pelos seus ensinamentos profissionais o senhor Hemorgeno Pereira Filho (Mestre Bugico). Aos 16 anos passou a trabalhar por conta própria em seguida especializou-se como carpinteiro de obras- mortas e acabamentos (parte mais detalhada da carpintaria naval que exigia bastante aperfeiçoamento).

Partindo deste depoimento acima, observa-se que atividade artesanal da construção naval votada para a construção de embarcação exigia pouco conhecimento escolar na época e havia a preocupação em instruir os filhos para posteriormente exercerem a mesma profissão.

Por outro lado também, as crianças e jovens aprendiam os ofícios com os pais, uma vez que a exigência do conhecimento formal era inexistente. Assim, aprender observando e olhando o outro trabalhar era uma idéia bem comum de épocas passadas. O desenvolvimento então, se fazia presente no espaço onde os sujeitos além de praticarem os trabalhos de carpintaria, ainda desenvolviam as culturas, as danças, os valores e as representações sociais que cada sujeito podia expressar livremente no conjunto de seus pares como expressa este trecho abaixo.

O valor do pagamento aos jovens era assegurado de acordo com o nível de aprendizagem referente ao rendimento educativo, produtivo e profissional. “Este procedimento educacional demonstrava sua importância social quando permitia aos jovens e adolescentes garantia a dignidade, ao futuro profissional e a educação através do trabalho”. (Benedito Jorge)

Desta forma, o trabalhador artesanal passava a ter uma importância maior, uma vez que os aperfeiçoamentos dos conhecimentos melhorariam as práticas produtivas garantindo com isso, o desenvolvimento familiar do local dos sujeitos atribuindo qualidade de vida para a população da região.

O senhor Hemôrgeno Pereira Filho (Mestre Bugico), 1920/1986, exerceu a profissão de carpinteiro naval por mais de 50 (cinquenta anos). Sua residência e local de trabalho situavam-se na orla portuária um pouco abaixo do porto principal da Vila de Carapajó-Cametá-PA.

O seu estaleiro (lugar onde se constroem navios) possuía registro legal como firma construtora de embarcações em madeira de pequeno, médio e grande porte que eram produzidos em diversos modelos.

O Mestre Bugico, ao longo de sua carreira profissional, sempre se preocupou em manter a garantia dos direitos trabalhistas dos seus trabalhadores. Além disso, em seu local de trabalho desenvolveu atividades de expressiva relevância social quando recebia jovens e adolescentes para ensinar-lhes o ofício.

Estes aprendizes tinham direito a moradia, alimentação, educação e trabalho entre outros. Quando os jovens passavam a apresentar certo domínio nas habilidades e nas técnicas aplicadas ao trabalho, também passavam a receber salário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa que de início preocupava-se em descobrir qual a contribuição da educação para o desenvolvimento do trabalho artesanal local baseada nas ações que reconhecem o princípio da sustentabilidade. Tendo em vista, uma melhor compreensão sobre a contribuição que estes podem trazer para desenvolver o contexto social em que o homem está inserido.

Neste sentido, notou-se que o modelo produtivo tradicional da construção naval ainda existe na orla portuária da vila de carapajó Cameté Pará, onde há pessoas que trabalham e mantêm a sustentabilidade da família e de aspectos sociais como cultura, lazer, esporte, educação saúde e etc.

Por outro lado, foi constatado que os modelos de embarcações que eram construídas seguindo o modelo tradicional, passaram a ser substituídas pelas rabetas construídas em madeiras e as lanchas em alumínio que conta com um processo diferente para a sua construção o que exige auxílio de novos conhecimentos e de instrumentos elétricos de trabalho como máquinas de soldagem e de corte de madeiras, metais, vidros, borrachas, máquinas para pintura, entre outros.

Diante dessas mudanças, percebeu-se que a falta de incentivo de políticas públicas e sociais que revalorizem as atividades artesanais bem como uma prática educativa atualizada que possam suprir as necessidades e estimular a produção artesanal de modo sustentável e equilibrado entre a ação humana e o meio ambiente que pouco existem em Cameté-Pará, especificamente na Vila de Carapajó.

Considera ainda que o desenvolvimento local e regional depende, em grande parte, da organização espacial e dos conhecimentos empregados nestes, uma vez que a dinâmica

social do homem é marcada p[or] a ação contínua e descontínua que exige reflexão e a o dentro do seu contexto político econômico e social.

Por fim, pensar o desenvolvimento regional exige uma tomada de consciência e reflexão que nos possibilite rever os conceitos de educa o, currículo e práticas educativas que estejam em consonância com o nosso tempo e realidade. Já que o conhecimento   uma peça fundamental dentro de qualquer rela o de trabalho e na melhoria da qualidade de vida no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educa o** – 2. Ed. Rev. e ampl.- São Paulo: Moderna, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que   educa o** / São Paulo: Brasiliense, 2007.

COSTA, Gilson da Silva. **Desenvolvimento Rural Sustentável no Paradigma da Agroecologia**. Belém UFPA/NAEA, 2006.

COLE O  DUCA O POPULAR N  8 ARROYO, Miguel G, (org). **Da escola carente a escola possível**. Edi es Loyolas São Paulo, Brasil, 1991.

LEVI, Giovane. Sobre   micro-história. In: **A escrita da história**. São Paulo, UNESP, 1992, pp. 133-162.

NUNES, Francivaldo Aves. **Unidade do território Brasileiro e Expansão de Domínio: Aspectos Históricos da Amazônia Tocantina**. In: II Seminário de Integra o da Universidade Federal da Amazônia Tocantina. Abaetetuba, 27 de maio de 2010, PP.01-10.

SILVA, Amar les Farias da. **Saberes Cotidiano e Azeite de Andiroba: A presença da mulher extrativista no contexto histórico, das práticas sócio culturais dos sujeitos da ilha de juba, Camet -PA**. Disserta o de mestrado-Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Gradua o em Historia Social da Amazônia, Belém, 2009.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As Três Metodologias: acad mica da ciência e da pesquisa**. Belém: UNAMA, 2001.

THOMPSON, Paul. **A Contribui o de História Oral**. In: A Voz do Passado: história oral, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, PP. 104-137.

Anexo

Questionário

- 1- Qual o seu grau de escolaridade?
- 2- Você encontra dificuldades nos seus trabalhos cotidianos?
- 3- Qual a importância do conhecimento para o seu trabalho?
- 4- Você consegue sobreviver com as atividades artesanais?
- 5- O que é o trabalho artesanal para você?
- 6- Qual a contribuição do seu trabalho para o desenvolvimento local?
- 7- Que alternativa você aposta para a melhoria do trabalho artesanal?
- 8- Que alternativa você propõe para o desenvolvimento sustentável sem agredir meio ambiente?
- 9- Você acredita que a educação ajuda no desenvolvimento regional?
- 10- Que tipo de conhecimento você enquanto trabalhador defende?